

A memória e o mundo da vida na recepção mediática: uma abordagem fenomenológica

Memory and the world of life in mediatic reception: a phenomenological approach

João Carlos Correia

jcorreia@ubi.pt

Agregado (Livre-docência) e Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade da Beira Interior – UBI. Professor Associado da Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior – UBI

Resumo

O texto enfatiza a centralidade da memória e da vida quotidiana para analisar a recepção mediática como prática social que intervém na criação de significados partilhados e na constituição de identidades. Recorre-se a entrevistas realizadas no âmbito do projeto Media, recepção e memória que investiga a recepção dos media em Portugal entre as décadas de 30 a 60 por audiências femininas das cidades de Covilhã e Lisboa. As quatro entrevistas, realizadas na Cidade da Covilhã, a três ex-operárias têxteis e a uma familiar de proprietários fabris servem para discutir a pertinência da abordagem fenomenológica na observação do quotidiano nos estudos de media, género e recepção.

Palavras-chave: sociofenomenologia, histórias de vida, memória, género, recepção.

Abstract

The text emphasizes the centrality of memory and everyday life to analyze the media reception as a social practice that intervenes in the creation of shared meanings and identities building. It uses interviews carried out in the Media Memory and Reception project, which investigates the media reception in Portugal between the thirties and sixties among female audiences in the cities of Covilhã and Lisbon. The four interviews, conducted in the city of Covilhã, with three former textile workers and a relative of ex-factory owners, are used to discuss the relevance of the phenomenological observation of everyday life in media studies, gender and reception.

Keywords: social phenomenology, life stories, memory, gender, reception.

1. O mundo da vida tem uma natureza eminentemente comunicativa. A linguagem e a comunicação desempenham um papel estruturante e fundamental na construção da realidade social. Se a realidade quotidiana se manifesta como presente num momento dado, isso deve-se à possibilidade de estabelecimento de uma comunicação contínua de cada um dos atores sociais com os restantes envolvidos no mesmo mundo. Segmentos inteiros do mundo social dependem da institucionalização de um vocabulário para que se possa proceder à sua delimitação (Berger; Luck-

mann, 1973, p. 96). Assim, podemos dizer que a linguagem permite que o mundo em si se torne um mundo para nós. No projeto citado haverá que lembrar que os *media* são dispositivos simbólicos de disseminação e amplificação da memória que têm uma fenomenologia própria: estruturam a experiência e acrescentam memória à memória.

O mundo da vida possui características que convém sublinhar com cautela:

a) Em primeiro lugar, a memória é constituinte de um agente social como um ente concreto vivendo e agindo neste

mundo histórico e cultural. Está envolvida com a significação, desde a experiência perceptiva até ao desenvolvimento da sociedade com a sua história, tradição, normas de socialização, esquemas de compreensão e classificação do mundo e valores. Cada agente depara-se com esta objectividade como uma facticidade constituída, embora essa seja apenas uma e não a única dimensão do mundo da vida.

b) A natureza histórica e cultural do mundo da vida não apresenta o mesmo grau de objectividade. Há constituintes do mundo da vida mais ou menos rígidos e mais ou menos fluidos. Há circunstâncias em que a memória evocada é mais ou menos densa, seja pelo afastamento em relação ao presente da acção e da experiência, seja pela intensidade da experiência, seja ainda pela velocidade na sucessão de experiências distintas.

Por exemplo, a aceleração tecnológica e o subsequente contacto com dispositivos cuja obsolescência é cada vez mais rapidamente atingida podem fazer com que objectos usados há pouco apareçam como antiquados. Da mesma forma, se um determinado médium procede à substituição mais rápida de conteúdos, pode ocorrer que objetos relativamente recentes apareçam como pouco atraentes pela circunstância de se configurarem mais rapidamente como arcaicos e datados.

Esta abordagem, apesar do seu refinamento e atualidade, está hoje ligada a transformações sociais e tecnológicas que afetam o conceito de presença, copresença e até de contemporaneidade. Ao nível da coordenada espacial, assistimos a uma alteração do conceito de presença que se tornou mais evidente com a televisão e, finalmente, com a Internet e as redes sociais. Ao nível da coordenada temporal, é a própria noção de memória que se altera dada a intensidade dos suportes que permitem reavivar e reproduzir a experiência.

A forte presença da alunagem da equipa liderada pelo astronauta Neil Armstrong no imaginário coletivo testemunha esta circunstância. Cite-se a propósito uma entrevista com Beatriz, uma mulher de um extrato social privilegiado da cidade da Covilhã, num diálogo com a entrevistadora, a propósito da reportagem televisiva da missão lunar:

Entrevistadora

Como é que foi? Tente lá reconstituir esse momento.

Beatriz

Lembro-me tão bem, tão bem. Marcou-me mesmo, mesmo, mesmo. Então, era a televisão, um quadradinho muito pequenino e uma caixa enorme por fora [ri]. O ecrã era só um bocadinho. Deve ter sido das primeiras televisões que houve na Covilhã. Havia muito poucas. E lembro-me de estar lá a família toda em casa a ver, e lembro-me de ver a Lua e o homem, lá, e a andar, e depois não havia gravidade e depois ele andava e ia muito devagarinho e... Pronto,

as imagens que eu tenho, lembro-me perfeitamente dessa reportagem. (Beatriz, entrevista recolhida em 25/10/2012).

A memória tornou-se ela própria um fenómeno que inclui uma dimensão mediatizada. Este facto é explorado pela indústria cultural ao nível da nostalgia e da recuperação de géneros e histórias: veja-se, além da permanência de fórmulas, o recurso constante a reposições e *remakes*. No caso da chegada do homem à Lua, verifica-se que este momento se impõe não apenas à relevância individual de cada agente social, mas ao próprio sistema de relevância dos *media*. Estamos diante de um dos grandes acontecimentos televisivos do século XX. Como muitos outros, ele foi frequentemente exibido, sendo plausível supor que originou diversas ocasiões de reativação da memória.

c) Apesar da componente objectiva e constringente que oferece ao actor social, em nenhum momento o mundo da vida chega a ser uma instância inerte que se recusa à mudança e a novas perspectivas de abordagem. Encontramo-nos diante de um universo poroso e rodeado de incerteza que as condições características da modernidade tornam ainda mais dinâmico e reflexivo.

2. A percepção dos objetos sociais no mundo da vida quotidiano é constituída dentro de um quadro de reconhecimento que fornece um sedimento de conhecimentos disponíveis de origem fundamentalmente colectiva. A interpretação do mundo baseia-se em experiências anteriores às nossas, as quais são transmitidas por agentes de socialização direta. Esta natureza familiar e típica prende-se à memória porque os esquemas cognitivos que permitem atribuir significado à experiência resultam de conhecimentos anteriores e da antecipação prospectiva da validade desses conhecimentos para compreender experiências futuras.

Os agentes sociais “apresentam-se” no mundo, recorrendo a esquemas interpretativos organizados de acordo com as experiências do passado que se apresentam em configurações de sentido do tipo “o que já se sabe” (Schutz, 1967, p. 84). Ou seja, em face de cada nova situação, o actor agirá do mesmo modo partindo do princípio de que as coisas se apresentarão de forma idêntica àquela que se apresentaram da última vez.

A experiência de receber um produto mediático que inclusivamente nunca tenha sido visto ou ouvido é mais do que reconhecimento de algo “novo”. Implica esquemas cognitivos e horizontes de significado pré-existentes. Numa primeira abordagem, os esquemas cognitivos que estruturam a experiência do mundo formam um conhecimento de referências, um pré-dado caracterizado por uma pré-reflexividade tomado como um conhecimento de fundo que lhes oferece estabilidade. A insistente crítica no carácter estereotipado da cultura de massas identifica os efeitos perversos decorrentes da necessidade de manter

elementos reconhecíveis que se perpetuam nas narrativas e nos discursos, agravada pela necessidade de proporcionar um reconhecimento fácil que possibilite rápidos retornos de investimento.

3. Fenomenologicamente falando, o significado das experiências humanas só pode ser atingido no pretérito (ou, seja num tempo verbal que refere o passado). A existência de um mundo social exige a memória para se poder tornar significante. Porém, a apreensão dessa experiência que só se reconhece no passado é um desafio epistemológico que vai além da quantificação de resultados ou de uma análise de conteúdo (sem qualquer menosprezo por este tipo de abordagens – necessariamente muito úteis).

Quando se reflete sobre o significado da experiência imediata, deparamos com algo de inacessível com o mero recurso a uma epistemologia de raiz positivista meramente quantitativa, a qual se revela incapaz “de reconstituir a experiência”. “A nossa experiência é quase sempre acoplada com a reflexão acerca da experiência” (Schutz, 1982, p. 32). Adicionalmente, a memória, na verdade, falseia porque simplifica a experiência vivida, pois as imagens que a memória retém são diferentes da própria experiência.

Cada experiência “armazenada” na memória contém todas as imagens anteriores pelas quais é modificada, imagens estas às quais se adicionam as que serão obtidas e armazenadas no futuro. “Cada momento da nossa duração é a memória do precedente mais um X. Este X constitui o que é essencial para o momento e é, de facto, responsável pelas variações infinitas da duração [...]” (Schutz, 1982, p. 38).

Assim, a memória não retém verdadeiramente uma experiência, mas apenas um símbolo dessa experiência. A “ponte” entre a vida da consciência e a realidade exterior processa-se através da atribuição retrospectiva de significados. Logo, a significação tornada possível pela memória não se revela na quantificação estrita, mas através do acesso possível e sempre imperfeito com recurso a técnicas que implicam uma certa participação na narrativa.

No caso das histórias de vida, tal implica um conjunto de procedimentos que adicionam cumplicidade e suscitam diálogo entre entrevistador e entrevistado: uma espécie de *pas de deux* em que nenhum fica reduzido à condição de figurante. Nesse sentido, as entrevistas realizadas no âmbito do projeto citado revelam traços de uma estratégia de busca da empatia por parte da entrevistadora à qual as entrevistadas reagem em função de factores muito diversos: experiência de vida, capital cultural, classe social, traços individuais. Por exemplo, o uso da palavra “patrões” com uma antiga operária têxtil da Covilhã, no decurso de uma entrevista, remete para um universo de significações e para um contexto bem definido: “Em casa dos seus patrões, nunca tinha visto um rádio?”, pergunta a dado passo a entrevistadora.

4. A natureza familiar e típica do mundo da vida implica uma espécie de conhecimento tácito também conhecido por “knowledge by acquaintance”. Pierre Bourdieu (1978) discutiu o que ele designa por *habitus* enquanto conjunto de princípios que organizam as práticas e representações sociais e com as quais possui uma relação de mútua implicação. Alfred Schutz (1967) refere-se ao carácter evidente da presença imediata no mundo da vida, à sua natureza culturalmente transmitida. Os agentes sociais reproduzem rotineiramente as condições dessa realidade, a qual é apreendida a partir do uso de “receitas” e comportamentos típicos que asseguram a continuidade à ordem social (Schutz, 1975b, p. 95). Na análise a que se procede do mundo da vida, “o mundo e os seus objetos individualmente considerados são sempre pré-organizados por atos de experimentação prévia dos mais diversos tipos” (Schutz, 1975b, p. 94).

Na relação com o mundo da vida social usa-se a tipificação entendida como classificação em que são tidas em conta certas características básicas para a solução das tarefas práticas que se apresentam aos atores. As tipificações dependem de dois tipos de idealizações; a de que “assim foi, assim será” e a de que “posso fazer isso de novo”. Há uma atitude do pensar – como – sempre, própria da presença ingénua do actor no mundo da vida que está dependente de um conjunto de assunções que o actor social, ingenuamente, não reconhece como problemáticas: a) a vida e, em especial, a vida social continue a ser como até aqui; b) deve-se confiar no conhecimento trazido até nós pelos pais, professores, governantes, tradições e hábitos, mesmo se não compreendemos a sua origem e significado; c) o curso das coisas é suficientemente estável para que o actor possa saber como lidar com os acontecimentos com que se possa deparar no mundo da vida; d) os esquemas de interpretação graças aos quais o actor lida com o mundo e com os outros não integram uma simples atitude privada, mas são partilhados por todos (Schutz, 1975b, p. 96).

Um dos problemas que resulta da desconsideração da memória na pesquisa científica social é, deste modo, que “não apreende a pessoa única conforme ela existe dentro do seu presente vivo. Ao contrário, figura-a como sempre a mesma e homogénea, sem levar em conta todas as mudanças e todos os contornos definidos que fazem parte da individualidade” (Schutz, 1967, p. 184).

Por isso, a questão metodológica central das ciências sociais é retomar um diálogo com a historicidade do sujeito, como sendo algo que, por ser reconhecido como social, é também simultaneamente mais individual porque é irreduzível aos processos de tipificação.

Transportando esta abordagem para o domínio dos *media*, a construção social da realidade oferece-se como um elemento que não pode ser caracterizado de forma ingénua por concepções mediocêntricas que atribuem força hipnótica aos efeitos mediáticos. Os estudos de *media* debruçaram-se sobre a criação de significados na recepção

dos conteúdos como processo permanente e multifacetado (Altheide; Snow, 1988). Esta construção de significados depende sempre de quem interpreta os conteúdos e do contexto em que a recepção ocorre. Tal contexto de recepção de conteúdos desenvolve-se por sua vez em três dimensões: (1) um primeiro contexto decorre da lógica e das convenções dos produtos mediáticos; (2) outro decorre do contexto em que se recebem esses produtos; e (3) ainda outro, do contexto social e cultural em que se criam os significados (Anderson e Meyer, 1988).

Adicionalmente, um outro elemento que faz ressurgir fortemente a ideia de quotidianidade e a noção de prática social é a ocupação que cada médium desempenha na geografia do lugar, o que remete para a sua inserção no mundo quotidiano e o uso social que dele decorre. Os dispositivos mediáticos são uma extensão da experiência corporal. A bengala, mais do que ser um objeto percebido, torna-se um instrumento com o qual se percebe e se constitui o mundo (Merleau-Ponty, 1966, p. 60-61). O exemplo é particularmente interessante graças ao modo como os dispositivos mediáticos se intrometem no quotidiano impondo o “esquecimento” ou invisibilidade do objeto técnico na relação do sujeito com o mundo. Enquadrados no mundo quotidiano e nas práticas sociais que incorporam e integram o seu uso, os dispositivos mediáticos como o televisor e a rádio, o jornal ou o computador adicionaram-se em vagas sucessivas ao universo das práticas sociais, reforçando-as, permeando-as ou contribuindo para o seu questionamento reflexivo, mas sempre numa dialéctica com os contextos pré-estabelecidos. Em larga medida esta familiaridade enverga dimensões corpóreas, espaciais e sensoriais que se traduzem na presença da televisão na sala e no quarto.

Todo o *marketing* em torno dos dispositivos móveis tem a ver como o modo como eles se tornam parte de nós. Conceitos associados à ergonomia, a preocupação com a existência de plataformas e dispositivos “amigos do utilizador”, a criação de símbolos metaforicamente produtivos e claros (o mais óbvio será o da reciclagem transformado em caixote do lixo) são exemplos do esforço desenvolvido por designers e engenheiros para tornarem discretas as revoluções e transformações que correm no quotidiano. O mesmo pode ser dito dos primeiros móveis, que incluíam rádio e gira-discos, ou do aparecimento da portabilidade e da mobilidade, quando se comercializaram, aparelhos de reprodução de discos de vinil que tinham o formato de uma pequena mala. Com esta reconfiguração do objecto atendiam-se as novas circunstâncias que resultavam da entrada dos jovens no mercado de massas, projetando-se por antecipação algumas características do seu mundo da vida.

Por outro lado, a constituição do espaço doméstico mostra as dimensões contraditórias da vida quotidiana ao nível da geografia do lar, dos papéis dos agentes presentes no espaço social e o impacto que tais papéis desempenham na sua condição de receptores. Neste sentido,

reparem-se algumas passagens das entrevistas que temos vindo a referir:

Entrevistadora

E as suas empregadas? Costumavam ouvir rádio?

02:44 Beatriz

Ah, pois, elas também tinham na cozinha. [...] E isso eu lembro-me de elas estarem lá sentaditas a ouvir a novela e de a gente fazer troça de elas estarem a ouvir a novela [ri].

Entrevistadora

E costumava ouvir rádio fora de casa? Houve alguma ocasião em que tenha ouvido rádio fora de casa?

Beatriz

No carro. No carro.

Entrevistadora

Já tinham no carro...

Beatriz

Sim, sim, tínhamos no carro. O meu pai já tinha rádio no carro. (Beatriz, entrevista recolhida em 25/10/2012).

Aida

Ali à porta, havia uma pessoa... uma vizinha que tinha, tinha uma telefonia. E era engraçado que nós ouvimos, foi quando se deu a guerra lá... Não, a independência da... foi a Índia.

Entrevistadora

Então a primeira vez que viu um rádio foi em casa desse seu vizinho?

Aida

Foi na... quer dizer, ouvia-se na rua. A gente andava na rua e ouvia-se. Ele tinha o rádio tão alto a ouvir o futebol, que se ouvia. Não era em casa dele, era na rua que a gente ouvia.

Entrevistadora

Então, depois, quando foi para casa do senhor Antunes...

Aida

Foi, na altura que fui para casa do senhor Antunes, eles também ainda não tinham televisão. Tinham rádio, mas não tinham televisão. Depois, ah... eu já lá estava, em casa deles, quando ele comprou uma televisão. (Aida, entrevista recolhida em 17/12/2012).

Entrevistadora

Quando compraram o rádio, onde é que o puseram?

Paula

Na sala... com a televisão.

Entrevistadora

Em cima de um móvel?

18:43 Paula

De um móvel que eu tinha... Chamavam-lhe o psiché, pertencia a uma mobília de quarto, e era aí que eu tinha a televisão. (Entrevista recolhida em 31/10/2012).

5. Apesar da referência ao passado e da constituição passiva que caracteriza um lado da vida quotidiana, o conceito de mundo da vida tem um estatuto ambíguo reconhecido pelas ciências sociais, sendo também carregado com perspectivas críticas. A constituição ativa faz parte da dimensão dual do relacionamento com o mundo. Sem a experiência do passado seria impossível imaginar o futuro, o qual é uma antevisão das consequências formulada por recurso a uma experiência tornada significativa pela memória. Porém, a outra face é a constituição ativa, a definição de rumos que não negam a aprendizagem, mas definem as condições de possibilidade e a coerência identitária dos processos de transformação, de emergência do novo, da revitalização de significados.

A imaginação não é possível sem a memória, pois é sobre a identidade da experiência que se viveu que se projeta a possível identidade de experiências novas. A quotidianidade é marcada por rotinas, mas é também marcada pela autenticidade e vitalidade. O conceito de mundo da vida, por outras palavras, refere-se quer a situações destituídas de problematização que reclamam um conhecimento tácito e tido-por-adquirido, quer a situações problemáticas que exigem novas concepções, definições, crenças e cursos de acção. A insistência na importância do meio social não significa uma rigidez que se esgota numa socialização passiva. A autoprodução do homem tem um carácter social que implica um equilíbrio entre a sua biografia individual e os processos sócio-históricos.

A liberdade em face do mundo prende-se com a ideia de estranheza. O mundo da vida é o mundo das evidências, mas as evidências e a familiaridade implicam sempre o seu contrário. Graças a esta intuição, o entendimento do mundo da vida quotidiano conheceu uma abordagem que demonstra o modo como esta instância é menos estável do que aquilo que se afigura.

Um primeiro nível de análise da estranheza diz logo respeito à nossa percepção imediata do mundo. Como é visível num exemplo muito simples de uma experiência rotineira não problemática interrompida por um problema que contrasta com o que era esperado: “Por exemplo, quando passamos por um objecto que eu tenho por garantido na minha percepção como um cogumelo, a sua parte de trás entra como uma evidência imediata no meu campo

de visão. Vamos supor que a parte detrás do cogumelo se revele como incapaz de ser inserida em qualquer experiência típica prévia. [...] o fluxo ‘tido-por-garantido’ da minha experiência é interrompido [...]” (Schutz; Luckmann, 1973, p. 11).

A recepção de um produto mediático sem grande exigência crítica é feita sobretudo no plano do reconhecimento, como sucede com as canções populares e as narrativas cinematográficas ou folhetinescas mais óbvias. Porém, imagine-se que essa experiência é interrompida por um elemento novo. O final feliz aguardado é perturbado por um pormenor que introduz o mal-estar. O elemento tradicional da narrativa é interrompido. A melodia fácil da canção popular de refrão reconhecível é interrompida por uma dissonância inesperada. O fluxo da evidência é interrompido por um tom crítico discreto. Na verdade, uma parte a cultura popular já interiorizou estas tensões e aposta em construções narrativas nas quais se joga habilmente com a satisfação das expectativas e a introdução de elementos de surpresa. O riso e “o suspense”, por exemplo, vivem desta dicotomia.

Um segundo nível de entendimento da problemática da estranheza baseia-se no conceito de realidades múltiplas. Schutz propõe que os agentes percebem o mundo como uma multiplicidade de realidades. A cada uma destas províncias ou âmbitos de significado finito correspondem determinados modos de relação entre a consciência e o mundo. A experiência estética, a experiência da recepção, a experiência religiosa, a experiência da aplicação ao trabalho mais ou menos rotineiro implicam maneiras distintas de pensar e de estar no mundo (Schutz, 1975a, p. 231). Os projectos de acção são, por conseguinte, distanciamos, desenraizamentos sucessivos que levam o agente a perceber, num universo possível, os processos que implementará em outra realidade. A recepção de produtos mediáticos pode abrir a porta a experiências que questionam a realidade diária. As mulheres entrevistadas percorrem universos de significado finito consideravelmente estratificados e os *media* intervêm nesse processo: são janelas abertas para outros mundos.

Finalmente, uma terceira dimensão da estranheza diz respeito ao facto de cada comunidade assentar numa visão relativamente natural que é sempre marcada pelo seu carácter etnocêntrico. O mundo da vida inerente ao grupo interno pressupõe um modo de conhecimento incoerente, só parcialmente claro e não completamente livre de contradições. O facto de o grupo interno partilhar esta “concepção relativamente natural” assumindo, com razoável evidência, que “o que até agora assim foi, assim continuará a ser” apenas revela que a estruturação do mundo social assenta numa determinada reordenação das relações sociais. Assim, a nossa presença na realidade tida por evidente é simultaneamente marcada pela possibilidade de um questionamento iminente. Afinal, “o que é tido por garantido

não forma uma província fechada, articulada inequivocamente e claramente arranjada. O que é tido por garantido dentro da situação predominante no mundo da vida está rodeado de incerteza” (Schutz; Luckmann, 1973).

6. A transformação social (como toda a agência social) necessita de memória. A audiência ativa necessita de horizontes partilhados de significado para redefinir julgamentos e interpretações. É justamente o carácter intersubjetivo e cultural do mundo da vida que o torna vulnerável ao aparecimento de novas narrativas e de novos horizontes de significado.

Porém, este processo não ocorre de modo coerente e homogêneo. A referência ao diálogo que a memória torna possível não implica um mundo inerte, despido de conflitos, interesses e sucessivas superações. Neste sentido, a noção de relevância constitui um conceito importante para a possibilidade de estudos culturais de inspiração fenomenológica. Graças a esta noção, identificam-se muito claramente os temas, os fragmentos de mundo aos quais conferimos importância e atenção (e que, conseqüentemente, retemos na memória) associando-os a interesses sociais e colectivos, proximidades e distâncias quer culturais, quer geográficas, quer sociais.

Se pensarmos que o que queremos conhecer é definido pelos interesses individuais e colectivos, reconheceremos as inúmeras possibilidades de estruturação do repertório de conhecimentos acerca do mundo. Ou seja, a memória dos acontecimentos é um processo de construção social, em que intervêm questões como sejam:

a) A relevância atribuída à experiência em função de determinados interesses sociais e cognitivos (ver a propósição Molotch e Lester, 1993). Esta demonstra-se nas entrevistas conduzidas pelo projeto.

Uma das entrevistadas detecta um ano particular em que procedeu à aquisição de eletrodomésticos, entre os quais TV e rádio.

Entrevistadora

Mas quando comprou o rádio, já tinha visto um rádio pela primeira vez antes?

Carolina

Lá para cima não.

Entrevistadora

Em casa dos seus padrões, nunca tinha visto um rádio?

Carolina

Isso já foi na vida de servir que era diferente. Agora na minha casa, quando fiz o segundo casamento, não tinha. Era... Comprei uma bateria, comprei frigorífico, comprei o rádio, ah... televisão, tudo derivado à bateria. Quando se acabava a bateria, renovava. Tirava aquela e

punha outra. Até que depois veio... Depois fui eu que meti a electricidade em casa... do segundo casamento. (Carolina, entrevista recolhida em 31/10/2012).

De maneira ainda mais significativa, é óbvia a satisfação que uma entrevistada evidencia por ter possuído um aparelho de reprodução de discos e um rádio num momento em que estes constituíam um fator de diferenciação social. Trata-se da entrevistada que assume ter pertencido às classes sociais dominantes. O acesso à tecnologia e aos *media* está associado na sua narrativa a uma memória de sucesso. Por outro lado, a memória fornece uma espécie de gratificação pois está associada a momentos felizes aos quais se sucedeu uma narrativa de alguma decadência.

Entrevistadora

Quando costumavam ir para o sótão dançar, lá com os seus amigos...

02:23 Beatriz

Ah, isso era um gira-discos. Gira-discos. E tínhamos os nossos discos de vinil, 45, 78 rotações. Isso aí tínhamos uma infinidade de discos.

É útil verificar os contrastes para compreender a distinção social vigente no mundo da vida.

Entrevistadora

E onde é que ouvia rádio antes de ter a sua? Lembra-se de onde é que ia ouvir?

26:02 Ilda

Era dessa... de uma vizinha também que tinha. Quando eu tive rádio, já era assim crescida, aí os meus 14, 15 anos. Já era na altura que eu estava a ajudar a criar os meus sobrinhos. Que para lhes dar de comer, esse meu sobrinho que mora aqui, esse era assim muito chato para comer e eu é que o ajudei a criar. E então, punha o rádio em cima da mesa, sentava-o no colo e estava sempre... E às vezes vinha para a rua, ali para trás e para diante, com a “midinha”, com o prato da “midinha”, a dar-lhe o comer à boca. (Ilda, entrevista recolhida em 29/10/2012).

Entrevistadora

E depois a partir daí, onde é que se lembra de ver televisão ou de ouvir telefonia?

Paula

Depois eu saí da escola, depois andei, portanto dos 13 aos 18 como empregada doméstica, que era raramente ver televisão. Às vezes, quando era o Festival da Canção ou assim uma coisa especial ou assim, os padrões chamavam as empregadas para irmos ver. Mas não era habitual, todos os dias, porque nessa altura era assim: tu aí e eu aqui. Pronto,

havia aquela diferença de classes. Como eu era empregada doméstica, eles eram os patrões, não é, não havia cá aquela mistura.

b) Outro elemento a reter diz respeito à possibilidade de acesso ao material simbólico marcar a diferenciação social. À entrevistada que manifesta o seu óbvio regozijo por ter acesso às novas tecnologias da época contrapõe-se, pelo lado das outras mulheres, uma certa indiferença resignada por não dispor dos mesmos dispositivos ou a surpresa fascinada pelo contacto com os mesmos. Veja-se o relato do primeiro contacto com a televisão (em casa do patrão onde fora “criada de servir”):

Entrevistadora

Como é que foi?

Aida

Ai, foi uma alegria, esse dia... E ao domingo, então, que a gente se juntava todos a ver a televisão, havia aqueles filmes que eu lembro-me, aqueles filmes que davam, portugueses, pronto, em princípio, e que a gente, todos chorávamos, ou por isto ou por aquilo, juntávamo-nos assim sentados no chão, e víamos as coisas assim que davam. (Aida, entrevista recolhida em 24/10/2012).

Outra entrevistada destaca a gratificação sentida pela aquisição do rádio:

Entrevistadora

E quem é que tinha?

Maria

Oh, nessa altura os trabalhadores começaram a comprar.

Entrevistadora

Começaram a comprar...

Maria

Pois. Trabalhadores, mas que também não era qualquer trabalhador. Como eu já lhe disse, o meu pai era... mestre de uma secção, ganhava um ordenado mais ou menos naquele tempo. (Maria, entrevista recolhida em 24/11/2012).

c) Um elemento merecedor de reflexão é a relação com o material simbólico. Recordar-se a propósito algum desdém dificilmente contido, exibido perante os consumos que as classes populares faziam de novelas radiofónicas. Estas eram apresentadas como um modelo de dramas românticos aos quais eram aplicados a expressão “pirosas”. A entrevistada recorda as empregadas domésticas sentadas na cozinha a ouvir novelas.

Eu lembro-me de elas estarem lá sentaditas a ouvir a novela e de a gente fazer troça de elas estarem a ouvir a novela [ri].

Entrevistadora

Por quê?

Beatriz

Porque achávamos que aquilo era um bocadinho... era assim um bocadinho... [faz uma careta enquanto encolhe os ombros.]

Entrevistadora

Nunca chegou a perceber qual era o nome da novela ou qual era a história?

Beatriz

Ai não, não. Não mesmo. Não faço a mínima. Lembro-me elas estarem lá a pedirem à minha mãe para arranjar um radiozinho lá para a cozinha, e elas estavam lá sentaditas a ouvir as novelas que dava... Eram folhetins, chamava-se um folhetim. Folhetim radiofónico. E depois era uma história, tipo uma novela, mas contada, claro.

Entrevistadora

E a senhora não ficava ao pé delas a ouvir, não?

Beatriz

Não, não, não me interessava minimamente. Eu achava aquilo horrível [ri]. (Beatriz, entrevista recolhida em 8/11/2012).

Esta apreciação colide com outra que transcrevemos:

Aida

Lembro-me das radionovelas já casada, com a minha sogra. Olhe, às vezes queríamos almoçar e a minha sogra tinha a cozinha e depois tinha uma porta assim para uma salita. A gente almoçava... comia na salita. E a minha sogra, enquanto não ouvisse a radionovela, não ia comer. E depois chorava, chorava, e levantava o aventalito a limpar as lágrimas, e o meu sogro metia-se muito com ela. E... mas eu acho-lhe piada, porque quer dizer, eu lembro-me quando a minha sogra ouvia aquilo... Era uma história que não sei como é se chamava já, era uma história de uma cigana que tinha sido roubada aos pais, portanto, em bebé, em pequenita, foi roubada aos pais, e depois ela andava a pedir para os ciganos, e lembro-me que se ouvia o chiar da carroça, eles a falarem como os ciganos, a miúda a chorar porque não queria ir para onde eles às vezes a mandavam. Lembro-me disso. E a minha sogra a ouvir. Palavra de honra, eu lembro-me que às vezes o meu sogro dizia: “Se não chega o avental, eu vou-te buscar um lençol”. (Aida, entrevista recolhida em 24/10/2012).

A inovação, por sua vez, é identificada com o consumo de produtos estrangeiros nomeadamente anglo-saxónicos, e a originalidade que os mesmos produzem é objecto de uma leitura que passa directamente pela marcação simbólica de posições de classe e estatuto social.

Entrevistadora

Não se lembra de nada da Emissora Nacional, Rádio Clube Português...?

Beatriz

Emissora Nacional também ouvimos. E o Rádio Clube Português, sim. Mas esse era um tipo... era um tipo de música que a gente não gostava tanto. Isso era mais música popular e não sei quê e nós gostávamos mais de outro género de música. Ainda hoje, não é? Pink Floyd... Estou-me a lembrar, que a gente ouvia na altura, não é? Música boa dos anos sessenta. (Beatriz, entrevista recolhida em 8/11/2012).

d) As relações de subordinação são visíveis na construção do espaço doméstico e vislumbram-se no acesso diário e manuseamento diário dos próprios objetos mediáticos: quem escolhe os programas? quem dispõe do direito de usar o comando e de ligar e desligar? As relações de subordinação implícitas ao género têm uma dimensão vivida em que se destaca a sua peculiar assimilação quotidiana, ainda mais evidente no caso particular dos processos de subordinação que têm por base a diferença de género. Uma entrevistada, Aida, fala de passagem na condição da mulher em que a imagem partilhada do homem está longe de poder ser considerada a do companheiro. Todavia, o sentimento intenso de recusa convive com uma aceitação de regras de jogo dificilmente resolúveis nos anos em que tais experiências foram vividas:

Aida

Pronto, mas quer dizer, ah... Eu acho que antigamente, sei lá, as mulheres eram muito mal tratadas. Ainda hoje há. Ainda hoje há, não é. Mas... não sei, eu tanta vez que fui à capela do colégio agradecer a Deus por não ter pai, acredite. Porque julgava que se o tivesse, que me havia de acontecer tal e qual como estava a acontecer às outras. E tinha essa coisa da... Pronto. Enfim, olhe, são coisas da vida, não é? (Aida, entrevista recolhida em 24/10/2012).

Apesar de tudo, trazendo para a vida quotidiana a “presença” de diferentes contextos sociais e culturais, os *media* e a cultura popular geram elementos de reflexividade que minam hábitos sociais e tipificações. Interferindo nos contextos de socialização (tempo de lazer, hierarquias familiares, papéis associados ao género), a construção de identidades e a regulação de papéis de género tornam-se mais complexas. Observando os dados fornecidos pelas histórias de vida recolhidos no âmbito do projeto constata-se que um tímido

e contraditório indício de modernidade relutante espreitava por detrás da audiência escutando os cantores e estrelas que marcavam a cultura popular nos anos 50 e 60.

Um elemento curioso revelador deste traço é a ênfase conferida por várias entrevistadas a Simone de Oliveira, cantora que nos anos 60 ganha alguma aura vagamente contestatária com uma canção cuja letra é escrita por José Carlos Ary dos Santos, poeta comunista e de influência literária surrealista. A canção chamada Desfolhada ganha o Festival da Canção RTP com uma letra que possui frases pouco vulgares para a memória da época:

Beatriz

Ah, a Simone de Oliveira, eu acho... Admiro-a. Gosto da Simone de Oliveira, por acaso... acho que é uma grande mulher. A Desfolhada... Sim, isto eu lembro-me.

Entrevistadora

E lembra-se de esta música estar no Festival?

Beatriz

Perfeitamente. Sim, sim, sim, isso lembro. [...]

Entrevistadora

E o que é que se dizia sobre aquela parte do “quem faz um filho, fá-lo por gosto”?

Beatriz

Não faziam grandes comentários, até porque acho que é mesmo assim, quem faz um filho, fá-lo por gosto.

Entrevistadora

Mas para aquelas pessoas que são mais conservadoras, às vezes... Não havia comentários conservadores?

Beatriz

[Pausa] Comigo, não. Mas lembro-me muito bem disso da Desfolhada.

Da mesma forma:

Aida

A Simone de Oliveira. Lembro-me muito bem dela e mesmo quando cá veio à Covilha, já eu estava casada...

Outro elemento interessante é o comentário efectuado perante um conteúdo mediático (um filme protagonizado por Amália Rodrigues) em que a protagonista assume uma postura submissa perante os homens:

Aida

O que é que eu acho? Acho que é mal, pronto. Ela pensava de uma maneira que não era... Eu não penso assim.

Quer dizer, aquilo também era para o teatro, não era verdade. Isto não é verdade. Mas... Não, os homens não têm nada que mandar nas mulheres. Nem pouco mais ou menos.

Entrevistadora

Não concordava com ela?

Aida

Não senhor.

O mundo da vida é também o mundo da ação quotidiana, um mundo que se transforma quando aparece uma situação que exige uma problematização de conhecimentos até então consolidados. O futuro implica uma certa dimensão de liberdade, mas o futuro começa no exato momento em que uma experiência foi concluída.

Há sempre fragmentos ou até províncias significativas do mundo da vida que podem ser de alguma forma questionados, quando uma questão passa a ser tematizada pelos *media* de outra forma. Durante esse processo, trazem-se à luz a contingência e a porosidade do mundo da vida, a sua vulnerabilidade ao questionamento. Contudo, essa não é tarefa fácil, nem imediata. Se o reportório de conhecimento nos é dado também pelas tradições, por nossos predecessores, e também pelo material simbólico fornecido pelos *media*, uma mudança interpretativa constitui também um desafio aos conhecimentos de fundo.

7. Ao adotar-se as histórias de vida acredita-se numa certa ideia de recepção como atividade quotidiana de construção coletiva dos significados e sentidos sociais que regem as relações entre sujeitos. A participação assumida do pesquisador na pesquisa é enfatizada por vários autores, quando se referem à modalidade da pesquisa qualitativa. Ele é diretamente implicado na relação pesquisador-pesquisado. A finalidade capital da atividade científica é a organização coerente de experiências pessoais significativas. A pesquisa surge como um esforço constante e disciplinado visando descobrir a ordem inerente à experiência vivida. Nesse sentido, uma pesquisa concluída é o relato do percurso de um pesquisador e da história do seu envolvimento com o objecto pesquisado. A pesquisa fenomenológica privilegia o sentido da experiência e é uma reconstituição de significados que só são captados através de um entrelaçamento entre camadas de memória. A própria situação da entrevista constitui um esforço daquilo que em ciências sociais se designa por compreensão, isto é, uma atitude intelectual que pretende efectuar a captação possível de um significado atribuído à acção, na sequência de um debate epistemológico que remonta às clivagens entre os que possuíam uma concepção mais interpretativa das Ciências Sociais e os que perfilhavam a transposição das leis gerais e abstractas cunhadas nas Ciências Exatas às Ciências Sociais. Não se partilha neste texto qualquer forma de clubismo epistemológico, mas o reconhe-

cimento de uma pluralidade metodológica que, sem ignorar a dimensão construtiva da Ciência, simultaneamente jamais abandona a exigência de rigor. Nesse sentido, cabe naturalmente à pesquisa académica buscar elementos que minimizem os efeitos perversos da apropriação de significados por parte do investigador ao mesmo tempo que lhe cabe evitar que a sua interpretação se ofereça autoritariamente para os fatos, fenómenos e significados recolhidos. Nunca há, assim, uma apropriação, mas antes uma atenção empática por parte do observador. A falta de universalidade e representatividade das histórias de vida não é um argumento suscetível de ser considerado: o universo de difícil quantificação, da subjectividade e do simbolismo, as intenções e motivos ancorados no contexto social são o campo privilegiado das pesquisas qualitativas.

Graças ao fato de nunca termos acesso ao próprio fluxo que constitui a subjectividade individual a não ser através da criação de significados em modo pretérito, cada rememoração transporta com ela a memória de um significado que se produziu numa experiência anterior de recordar. A experiência remete para memória sobre memórias, sendo que o próprio conceito de experiência “bruta” ou direta é uma forma de referência a uma construção, de certo modo artificial. Isto é, um processo em que aquilo que conhecemos melhor é o produto final, mas do qual frequentemente não conhecemos, aprendemos ou consciencializamos o processo que lhe deu origem. Assim, a narrativa será a forma de comunicação mais adequada ao ser humano ao nível da sua experiência quotidiana, pois reflete a experiência humana vivida.

8. Benjamin (1987), numa aproximação similar àquela que ensaiou a fenomenologia, considerava a arte de contar uma história um acontecimento infinito. Porquê infinito? Porque “o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois”. Desse modo, a narrativa é mais do que uma lembrança terminada, concluída de uma experiência. Narrar alguma coisa consiste em trocar experiências. Por isso, cada narrativa inclui a experiência contada pelo narrador e ouvida pelo outro, o ouvinte. Este, por sua vez, ao contar aquilo que ouviu, transforma-se ele mesmo em narrador, por já ter associado à sua experiência o que escutou.

Da leitura das entrevistas efetuadas no âmbito deste projeto resulta um processo de conquista de uma simplicidade entre entrevistadores e entrevistados, à luz da qual a recepção continua, afinal, a desenvolver-se como processo que origina ulteriores significações. A narrativa recolhida através da entrevista é uma técnica metodológica particularmente apropriada aos estudos que se fundamentam nas ideias fenomenológicas e suas subsequentes intuições sobre a memória e o mundo da vida. Através dela, podemos aproximarmo-nos da experiência, tal como ela é lembrada por quem a narra.

A modalidade da narrativa mantém os valores e percepções presentes na experiência narrada, contidos na história do sujeito e transmitida naquele momento para o pesquisador. Porém, este momento é o culminar e o início de infinitos outros momentos de que o próprio entrevistador faz parte. O entrevistador é mais um actor social que perpetua a memória, mesmo dispondo de técnicas que permitem tornar clara e sistemática e objectiva (num sentido peculiar do termo que remete para o rigor incansável numa pesquisa nunca concluída) a forma como decorreu a conversa.

O narrador não apresenta um relatório sobre a experiência. Antes conta sobre ela, dando oportunidade para que o outro – o entrevistador – a escute e a transforme de acordo com a sua interpretação. Supõe-se, assim, que, de uma certa maneira, o ato de contar e ouvir uma experiência envolve uma relação de intersubjetividades, um diálogo que se dá num universo de valores, num passado que se articula com o presente e apoiado numa situação que revela, conserva e transcende o mundo em que esses personagens evoluem. Portanto, ao se trabalhar com as narrativas dos sujeitos das pesquisas, participamos na sua história e na sua reconstrução, através da profusão de sentidos, em função do seu retomar incessante.

Conclusões:

1) Os contributos fenomenológicos acerca da memória do mundo da vida permanecem válidos. Todavia, quando aplicados às realidades mediáticas, têm de incorporar as transformações da experiência. Do mesmo modo que os *media* não evoluem numa cápsula isolada da história e da memória, esta também conhece uma mediação crescente.

2) As abordagens que partem do mundo da vida devem aprofundar elementos de natureza crítica que identifiquem e realcem situações de poder, legitimidade, reconhecimento e subordinação.

3) As entrevistas destinadas à recolha de histórias de vida não podem olhar-se a si mesmas como uma captação da experiência e nem sequer da memória. Trata-se sempre de uma aproximação assintótica que origina novas leituras. Tal não significa abandonar o rigor. Antes exige a multiplicação do esforço e o esgotamento de possibilidades. Nomeadamente, é necessário identificar procedimentos que evitem “falsas memórias”; e, sobretudo, haverá que insistir na identificação de memórias mediatizadas e não mediatizadas.

4) Finalmente, esta abordagem não é compatível com a tradicional imagem da recepção produzida nas teorias sobre os efeitos. O conceito de recepção torna-se uma prática social. Os efeitos podem ser úteis sob o ponto de vista da identificação de grandes tendências, mas têm que ser considerados nos seus próprios limites: os de um esforço heurístico, explicativo, de interpretação que implicam uma certa artificialidade.

Referências

- ALTHEIDE, David L.; SNOW, Robert P. 1988. Toward a theory of mediation. In: James A. ANDERSON (ed.), *Communication Yearbook*, 11:194-223.
- ANDERSON, James A.; MEYER, Timothy P. 1988. *Mediated communication: A social interaction perspective*. Newbury Park, CA, Sage, 368 p.
- BENJAMIN, Walter. 1987. O narrador: considerações sobre a obra de Nicolay Leskov. In: Walter BENJAMIN, *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 253 p., p. 197-221.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. 1973. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis, Vozes, 247 p.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. 1978. *Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Lisboa, Vega, 302 p.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. 1966. La doute de Cézanne. In: Maurice MERLEAU-PONTY (org.), *Sens et non-sens*. Paris, Nagel, p. 15-54.
- MOLOTCH, Harvey; LESTER, Marilyn. 1993. As notícias como procedimento intencional: acerca do uso estratégico de acontecimentos, de rotinas, de acidentes e de escândalos. In: Nelson TRAQUINA (org.), *Jornalismo: questões teóricas e “estórias”*. Lisboa, Editora Vega, 358 p. 34-51.
- SCHUTZ, Alfred. 1967. *The phenomenology of social world*. Evanston, Illinois, Northwestern University Press, 250 p.
- SCHUTZ, Alfred; LUCKMANN, Thomas. 1973. *The structures of the life world: Volume I*. Evanston, IL, Northwestern University Press, 331 p.
- SCHUTZ, Alfred. 1975a. On multiple realities. In: Alfred SCHUTZ, *Collected papers: The problem of social reality: Volume I*. The Hague, Martinus Nijhoff, 361 p., p. 229-259.
- SCHUTZ, Alfred. 1975b. Type and Edos in Husserl's late philosophy. In: Alfred SCHUTZ, *Collected Papers: Volume III*. The Hague, Martinus Nijhoff, 178 p., p. 92-115.
- SCHUTZ, Alfred. 1982. *Life-forms and meaning structures*. London, Routledge and Keagan Paul, 217 p.